

MARIANE OLIVEIRA

UM CONTO DE SUSPENSE

# PERDIDA



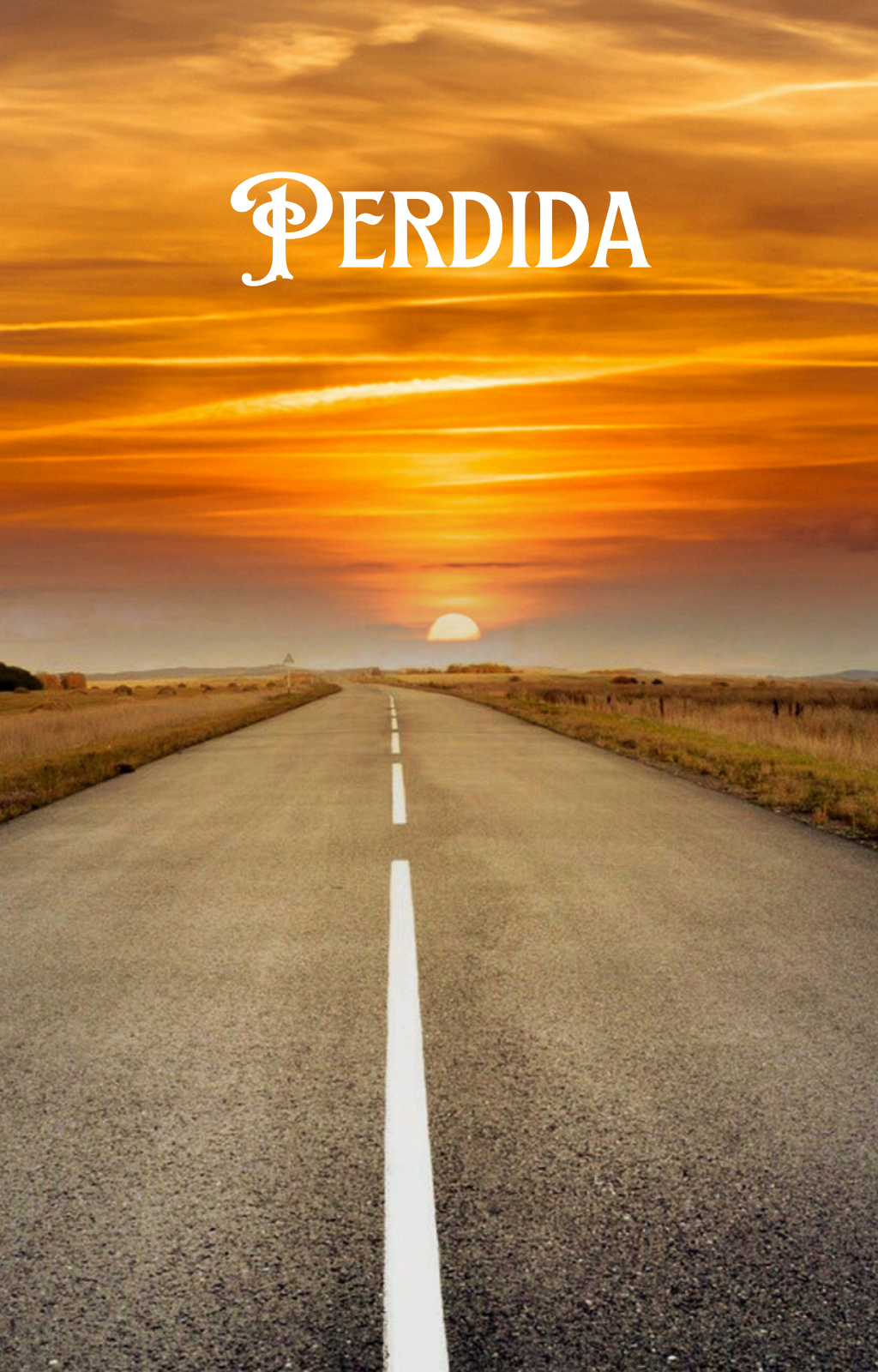
- AVISO LEGAL E DIREITOS AUTORAIS

ESTE CONTEÚDO FOI IDEALIZADO E DESENVOLVIDO PELA AUTORA MARIANE OLIVEIRA E ENCONTRA-SE PROTEGIDO PELAS LEIS DE DIREITOS AUTORAIS. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA A CÓPIA, REPRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, VENDA OU QUALQUER FORMA DE COMERCIALIZAÇÃO DESTE MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E POR ESCRITO DA AUTORA. TODAS AS INFORMAÇÕES, MÉTODOS, EXEMPLOS E ORIENTAÇÕES AQUI APRESENTADOS SÃO FRUTO DE SUA MENTORIA, COM APOIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APENAS PARA REVISÃO E MELHORIA TEXTUAL, POR MEIO DA PLATAFORMA DE SITES WEBNODE. AO ACESSAR ESTE CONTEÚDO, VOCÊ DECLARA ESTAR CIENTE DE QUE QUALQUER USO INDEVIDO PODERÁ RESULTAR EM MEDIDAS LEGAIS CABÍVEIS, PRESERVANDO A INTEGRIDADE E ORIGINALIDADE DO TRABALHO DA AUTORA.

AS IMAGENS DE FOTOS FORAM SELECIONADAS NA PLATAFORMA DE DESIGN GRÁFICO [CANVA.COM](https://www.canva.com), APENAS PARA FINS ILUSTRATIVOS. AS PESSOAS MOSTRADAS NAS IMAGENS NÃO SÃO MODELOS.

**NOSSOS CONTOS DE SUSPENSE  
FORAM CRIADOS PARA PRENDER  
SUA ATENÇÃO DESDE A PRIMEIRA  
LINHA ATÉ O ÚLTIMO PARÁGRAFO.  
CADA HISTÓRIA É CURTA, INTENSA  
E CHEIA DE REVIRAVOLTAS,  
PERFEITA PARA QUEM QUER  
SENTIR AQUELE FRIO NA BARRIGA  
SEM PRECISAR ENCARAR UM  
LIVRO ENORME. VOCÊ  
ENCONTRARÁ PERSONAGENS  
ENIGMÁTICOS, SEGREDOS BEM  
GUARDADOS E FINAIS  
SURPREENDENTES QUE VÃO FICAR  
NA SUA MENTE POR MUITO TEMPO.**

# PERDIDA



NA ESTRADA DESERTA QUE LIGAVA A PEQUENA CIDADE AO VILAREJO VIZINHO, HAVIA UMA CURVA TÃO FECHADA QUE OS FARÓIS PARECIAM SEMPRE ENGOLIDOS PELA ESCURIDÃO. NO TOPO DESSA CURVA, ERGUIA-SE UMA CASA ANTIGA, DE JANELAS ESTREITAS E TELHADO TORTO, QUE TODOS EVITAVAM OLHAR POR MUITO TEMPO. DIZIAM QUE, EM NOITES DE NEBLINA, UMA LUZ SOLITÁRIA ACENDIA NO SÓTÃO, EMBORA NINGUÉM MORASSE ALI HÁ DÉCADAS.

NUMA NOITE CHUVOSA, ANA  
VOLTAVA PARA CASA DIRIGINDO  
DEVAGAR, O LIMPADOR DE PARA-  
BRISA LUTANDO CONTRA A ÁGUA  
PESADA. O RÁDIO CHIAVA,  
PERDENDO O SINAL, QUANDO UM  
VULTO ATRAVESSOU A ESTRADA  
DE REPENTE. ELA FREOU  
BRUSCAMENTE, O CARRO  
DERRAPOU E PAROU A POUCOS  
CENTÍMETROS DO BARRANCO.  
TREMENDO, ANA SAIU PARA VER  
SE HAVIA ATROPELADO ALGUÉM,  
MAS A ESTRADA ESTAVA VAZIA.  
APENAS O SOM DA CHUVA E O ECO  
DISTANTE DE UM TROVÃO.

FOI ENTÃO QUE ELA VIU: A PORTA DA CASA NA CURVA ESTAVA ENTREABERTA, BALANÇANDO COM O VENTO. UMA LUZ AMARELADA ESCAPAVA POR UMA FRESTA, COMO SE ALGUÉM A ESTIVESSE CONVIDANDO A ENTRAR. O CELULAR DE ANA ESTAVA SEM SINAL, E O CARRO, AGORA, NÃO DAVA PARTIDA. SEM MUITAS OPÇÕES, ELA DECIDIU SUBIR O CAMINHO DE PEDRAS, CADA PASSO AFUNDANDO NA LAMA, O CORAÇÃO BATENDO TÃO ALTO QUE PARECIA DENUNCIAR SUA PRESENÇA.

AO EMPURRAR A PORTA, UM RANGIDO LONGO CORTOU O SILÊNCIO. O INTERIOR CHEIRAVA A MADEIRA ÚMIDA E POEIRA ANTIGA. A LUZ VINHA DE UMA LAMPARINA SOBRE UMA MESA, AO LADO DE UM RELÓGIO DE PAREDE PARADO ÀS 23H17. ANA CHAMOU POR ALGUÉM, MAS NÃO HOUVE RESPOSTA. APENAS O ESTALAR DO PISO SOB SEUS PÉS. QUANDO ELA SE VIROU PARA SAIR, A PORTA SE FECHOU SOZINHA COM UM ESTRONDO, E A LAMPARINA APAGOU, MERGULHANDO TUDO NA ESCURIDÃO.

UM SUSSURRO ENTÃO PERCORREU O CORREDOR, BAIXO E ARRASTADO, COMO SE VIESSE DE TODOS OS LADOS AO MESMO TEMPO. "VOCÊ CHEGOU CEDO DESTA VEZ..." ANA SENTIU A NUCA GELAR. TATEANDO, ENCONTROU A PAREDE E COMEÇOU A ANDAR, TENTANDO ACHAR UMA JANELA. SEUS DEDOS TOCARAM QUADROS PENDURADOS, MAS, AO PASSAR A MÃO SOBRE O VIDRO, PERCEBEU QUE NÃO HAVIA REFLEXO ALGUM, APENAS UMA SUPERFÍCIE FRIA E VAZIA. COMO SE AS IMAGENS TIVESSEM SIDO ARRANCADAS DALI.

DE REPENTE, O RELÓGIO DE PAREDE VOLTOU A FUNCIONAR, MARCANDO CADA SEGUNDO COM UM TIC-TAC ALTO DEMAIS, QUASE ENSURDECEDOR. 23H18. 23H19. A CADA MINUTO, O SUSSURRO SE APROXIMAVA, REPETINDO A MESMA FRASE, AGORA MAIS CLARA: "VOCÊ CHEGOU CEDO DESTA VEZ..." ANA TROPEÇOU EM ALGO NO CHÃO E CAIU. AO APALPAR, ENCONTROU UMA CAIXA DE MADEIRA, TRANCADA COM UM CADEADO ENFERRUJADO. SEM SABER POR QUÊ, SENTIU QUE PRECISAVA ABRI-LA.

UMA FAÍSCA DE RELÂMPAGO ILUMINOU O CÔMODO POR UM SEGUNDO, REVELANDO UMA CHAVE PENDURADA AO LADO DA ESCADA. ANA CORREU, PEGOU A CHAVE E, COM AS MÃOS TRÊMULAS, ABRIU A CAIXA. DENTRO, HAVIA UM MAÇO DE CARTAS AMARELADAS E UMA FOTOGRAFIA ANTIGA. NA FOTO, UMA MULHER MUITO PARECIDA COM ELA SORRIA EM FRENTE À MESMA CASA, AO LADO DE UM HOMEM DE OLHAR VAZIO. NO VERSO, UMA DATA: 3 DE FEVEREIRO, 23H17, E UMA FRASE ESCRITA À MÃO: "ELA SEMPRE VOLTA PARA A CURVA".

O RELÓGIO MARCOU 23H17 NOVAMENTE, COMO SE O TEMPO TIVESSE DADO UMA VOLTA COMPLETA. A CASA INTEIRA PARECEU PRENDER A RESPIRAÇÃO. O SUSSURRO, AGORA ATRÁS DE ANA, MURMUROU AO SEU OUVIDO: "VOCÊ DEMOROU MAIS DA ÚLTIMA VEZ". ELA SE VIROU, MAS NÃO VIU NINGUÉM. APENAS SENTIU UMA MÃO GELADA SEGURAR SEU PULSO E GUIÁ-LA ATÉ A JANELA. LÁ FORA, NA ESTRADA, OS FARÓIS DE UM CARRO DERRAPAVAM NA CURVA, REPETINDO O MESMO MOVIMENTO QUE ELA HAVIA FEITO MINUTOS ANTES.

ATÔNITA, ANA PERCEBEU QUE OBSERVAVA A SI MESMA, SAINDO DO CARRO, OLHANDO EM DIREÇÃO À CASA. O CICLO SE REPETIA, COMO UM ECO PRESO NO TEMPO. A VOZ AO SEU LADO SUSSURROU, QUASE COM TERNURA: "ALGUMAS HISTÓRIAS NÃO TERMINAM, APENAS RECOMEÇAM". QUANDO PISCOU, ANA JÁ NÃO SABIA SE ERA A QUE SUBIA O CAMINHO OU A QUE OBSERVAVA DA JANELA. A ÚNICA CERTEZA ERA O SOM DO RELÓGIO, MARCANDO 23H17, PARA SEMPRE.

CLIQUE E COMPRE  
& BOOKS

CONTINUE  
LENDO

